

Evangelização e família
Viena
25 de Maio

“A Família de Nazaré” é o modelo da família cristã (Papa João Paulo II)

Maria do Rosário Carneiro

A família é naturalmente o lugar do acolhimento e da transmissão

- Onde se nasce
- Onde se é acolhido
- Onde se aprende (os elementos básicos e acessórios, os significados, os sentimentos, as relações)

Vida vivida

Palavra proclamada

Enviado para amar

Anúncio feito pela vida que è

Sal da terra, luz do mundo, fermento da massa, construtor do reino

A família constrói-se na prática e pela prática, pelo facto de se viver juntos, de se querer viver juntos, as mesmas alegrias e os mesmos sofrimentos, as coisas grandes e as coisas pequenas, os grandes feitos e sobretudo a banalidade rotineira dos quotidianos.

A família decorre do amor.

A família acolhe.

E porque acolhe, transmite, ensina .

- o Ensina (porque ama)
- o No acto e na forma de acolher
- o Na palavra dita, na história contada
- o Ensina fazendo (porque aprendizagem eficaz é a que experimenta o que se ensina)
- o As rotinas
- o As regras
- o As atitudes
- o As quebras das regras

- o Ensina fazendo juntos
- o Apresentação sistemática de testemunhos
- o Aprendizagem da vida comum, quotidiana
- o Aprendizagem da construção comum
- o Ensina a ser
- o Livre
- o Responsável
- o Solidário
- o Cúmplice
- o Pessoa que ama e é amada

É sal da terra, luz do mundo, fermento da massa, construtor do reino

Mas a família não é um grupo abstracto, nem pode ser entendida como um conceito cristalizado;

É o resultado de um projecto, de uma aliança, de um compromisso;

É o resultado de relações interpessoais, queridas, comprometidas

É uma comunidade de pessoas que neste projecto comum, de amor e de compromisso, procuram a felicidade.

Contudo, a família também exclui

- o Porque tem pouco espaço para amar
- o Porque se esconde na capa dos egoísmos individuais
- o Porque se esquece da palavra
- o Porque omite o testemunho
- o Porque:

- o Já está excluída (pobreza, desemprego, miséria, indiferença, diferença)
- o Já está excluída porque tem poucas competências (desorganizada, comportamentos disfuncionais, não sabe, não é capaz, tem medo, tem poucos recursos)
- o Já está excluída pelos diversos constrangimentos (organização do trabalho, educação dos filhos, solicitações diversas, modelos comportam e estilos de vida)
- o Já está excluída na solidão das consciências (pela palavra, pelas atitudes)

A apresentação da fragilidade da família contemporânea é feita frequentemente pela análise de alguns indicadores

- o Redução dos casamentos e aumento das uniões de factos
- o Aumento de divórcios
- o Aumento das famílias em situação de monoparentalidade, bem como das famílias recompostas
- o Aumento dos nascimentos fora do casamento
- o Quebra dos índices de nupcialidade e de natalidade
- o Aumento de casamentos tardios

Perante alterações essenciais

- o Emancipação da mulher
- o Democratização do casal
- o Maior participação da mulher no mercado do trabalho
- o Permanência da desigualdade de ritmos entre mulheres e homens na construção da vida familiar e profissional
- o Generalização dos métodos contraceptivos
- o Nuclearização da família
- o Isolamento das famílias

Verificando-se

- o Aumento da delinquência juvenil
- o Aumento de gravidezes na adolescência
- o Aumento do insucesso educativo
- o Aumento de comportamentos marginais e dependentes

Bem como

- o Uma desvalorização sistematizada de princípios, normas, modelos
- o Um generalizado relativismo
- o Uma progressiva ausência do limite

A sociedade cresceu de tal forma que fomenta a indiferença pelo alheio, dilui os laços de vizinhança, quebra os grupos e as relações de pertença

- o quebra do nexus comunitário (Amitai Etzioni);
- o perda de capital social (Putman)
- o desaparecimento de laços do coração (Alexis de Tocqueville)

Com a desintegração das instâncias de socialização observa-se o conseqüente desaparecimento de valores como a solidariedade, justiça, entreajuda, liberdade, etc..

O tecido comunitário mantém-se estável na base de um capital social mínimo. E a diminuição do capital social enfraquece a coesão social

Contudo a percepção das modificações familiares, da incidência no desenvolvimento e na felicidade de cada um, é no entanto muito mais

complexa.

Os comportamento individuais, as opções privadas derivam de um conjunto intrincado de circunstâncias que os condicionam e determinam.

A sua alteração é lenta e não o resultado simples e imediato da formulação de uma política ou da criação de algumas condições.

As opções das famílias são profundas: não correspondem a modas.

Antes pelo contrário, são o resultado retardado de modelos que progressivamente se vão instalando (centralidade do individuo, primado do "conforto", acumulação, rejeição liminar de qualquer contratempo, desvalorização da partilha), bem como de constrangimentos e conjunturas (dificuldades diversas, períodos de baixa confiança não favorecem nem a nupcialidade nem a natalidade).

E o Estado?

- o O estado precisa das famílias
- o Para a reprodução demográfica e social
- o Para o acolhimento
- o Para a formação e consolidação da coesão social
- o Para a transmissão das competências básicas e primárias de cada um

O Estado tem que produzir políticas públicas activas

- Que promovam as famílias, compensando, empoderando,
- Que superem constrangimentos,
- Que criem condições objectivas gerais e particulares

As famílias têm que o exigir:

Políticas públicas subsidiárias:

Centradas na dignidade humana, na liberdade da pessoa, na realização da felicidade de cada um

Assentes na convicção de que as famílias são competentes, livres, autónomas

Recusando conceitos cristalizados, eliminando estereótipos

Adequadas aos novos tempo, conceitos, papéis

Contudo o Estado

- o Persiste em conceitos cristalizados
- o Ignora as profundas modificações observadas
- o Transforma a excepção em norma
- o Uniformiza medidas querendo igualizar o profundamente diferente
- o Intervém de forma não integrada

Em suma, desvaloriza a família

- o Banalizando-a
- o Esvaziando-a
- o Legislando de forma abusiva e intrusiva

E a Igreja?

A Igreja que é Mãe e acolhe

- o Vive com as famílias?
- o Sente com as famílias?
- o Ouve as famílias?
- o Compreende os dramas quotidianos?
- o Experimenta-os?
- o Acolhe? É compassiva?
- o Ama infinitamente, não abandona?

As famílias estão sós.

Estão sós perante:

as solicitações mundanas, o fascínio do efêmero, o império do individual, os imperativos da organização dos modos de sobrevivência – o trabalho a dois, a transformação da sociedade, novos direitos, novas competências a adquirir, novas aprendizagens a fazer; confrontadas com o modo como é anunciada a norma e a vida quotidiana, as pessoas – mulheres e homens - estão frágeis, confusas no emaranhado contraditório de opções, abandonadas no segredo das suas consciências.

Porque a Palavra está longe do quotidiano?

Mas a Palavra não pode ser letra morta: tem que ser vida para a transformação das famílias, em modelos vividos, em realidades, não utopias.

Tal como os meninos que, para crescerem saudáveis, fortes, promessas de liberdade responsável na fidelidade aos valores aprendidos, Precisam de ser acolhidos num colo, onde caibam, precisam de ser reconhecidos e amados, precisam de ouvir palavras, mensagens, orientações que compreendam,

precisam de ver e participar em actos que as aplicam, precisam de ser estimulados, motivados à tantas vezes difícil fidelidade aos ensinamentos, precisam de ter a certeza de um securizador acolhimento;

Também as famílias, para crescerem saudáveis, fortes, permanentes na fidelidade, fontes de amor, transmissoras dos valores da fé, Precisam de ser reconhecidas na sua realidade concreta, objectiva, contemporânea – não como um grupo abstracto, mas como uma comunidade que resulta das relações entre pessoas, composta por homens e mulheres finalmente iguais em estatuto, que têm que reaprender e reencontrar o caminho da construção, da aliança, da fidelidade e do compromisso;

Precisam então de uma Palavra que percebe o cansaço de noites contínuas, sem dormir, e do sonho, quási impossível, da difícil conciliação entre a vida familiar e a vida profissional de uma Palavra que sabe que a construção comum de vidas humanas partilhadas é tarefa quotidiana, constante, nunca terminada de uma Palavra que acolhe quem se engana, e que chama quem se afasta

A família é um desafio para o Evangelho:

Que pela transmissão de ensinamentos, fomenta o conhecimento, e procure fazê-lo através de uma linguagem próxima das realidades quotidianas, que empenhada na verdade, evidencie simpatia, sensibilidade, compromisso e responsabilidade perante os dramas, as tensões e os conflitos, seja a expressão do Amor – ensina a conhecer

Que pela transmissão da palavra, que é de amor, de acolhimento, acolha, apoie, chame, ensine - muitas vezes, tantas quantas forem necessárias (tal como se ensina a criança a falar, a andar ou a opinar) – ensina a fazer

Que por viver a realidade concreta das famílias, e por chamar as famílias a participar efectivamente desta missão, transmite e ensina a palavra compreendida, ensaiada e praticada em cada dia – ensina viver juntos (em a família)

Que por assim ensinar, fazer e fazer junto com as famílias, é pólo de referência para as famílias, fá-las sentirem-se amadas – ensina a ser

“evangelizado evangelizador”, projecto e realidade de amor.

E a família?

O Evangelho é um desafio para a família

A aventura familiar não pode ser improvisada, imatura e irresponsavelmente. É expressão de profundo desígnio da humanidade, é incontornável pilar da sociedade.

Não é, nem pode ser resultado de emoções passageiras. É um compromisso. Requer preparação, reflexão, discernimento. Requer fidelidade. Exige que a família evangelizada transformada em evangelizadora, seja a expressão de amor

Que transmita, estudando, discutindo, ensinando os conhecimentos fontes de fé, fontes de vida – ensine a conhecer

Mas que transmita mostrando em cada acto praticado, e por cada acto praticado, a verdade dos ensinamentos, levando a que cada acto praticado seja expressão das convicções ensinadas – ensine a fazer

E que transmita também porque juntamente com os filhos: trabalha, limpa, arruma, estuda, canta, ri e chora, e assim – ensine a viver juntos

E, finalmente, que pelo ensinamento que liberta, pelo testemunho que educa, pela prática partilhada que responsabiliza, amando – ensina a ser pessoa, livre, responsável, evangelizado evangelizador.

A evangelização é alimento da vida, é fonte de renovação e crescimento. A sociedade contemporânea refém de individualismos, marcada pela efemeridade das alianças, pela rejeição do compromisso, está fragilizada no seu tecido, marcada pela quebra da coesão social, carece de renovação.

A família tem que se renovar, tem que se revolucionar para ser agente da renovação, da necessária revolução da sociedade:

- o proclamando o Evangelho pelo testemunho e assim sendo factor de evangelização das outras famílias e da sociedade:
- vencendo os egoísmos familiares;
- o organizando-se e mobilizando-se de forma responsável de modo a participar na construção das políticas que lhe respeitam

Sal da terra, luz do mundo, fermento da massa, construtor do reino